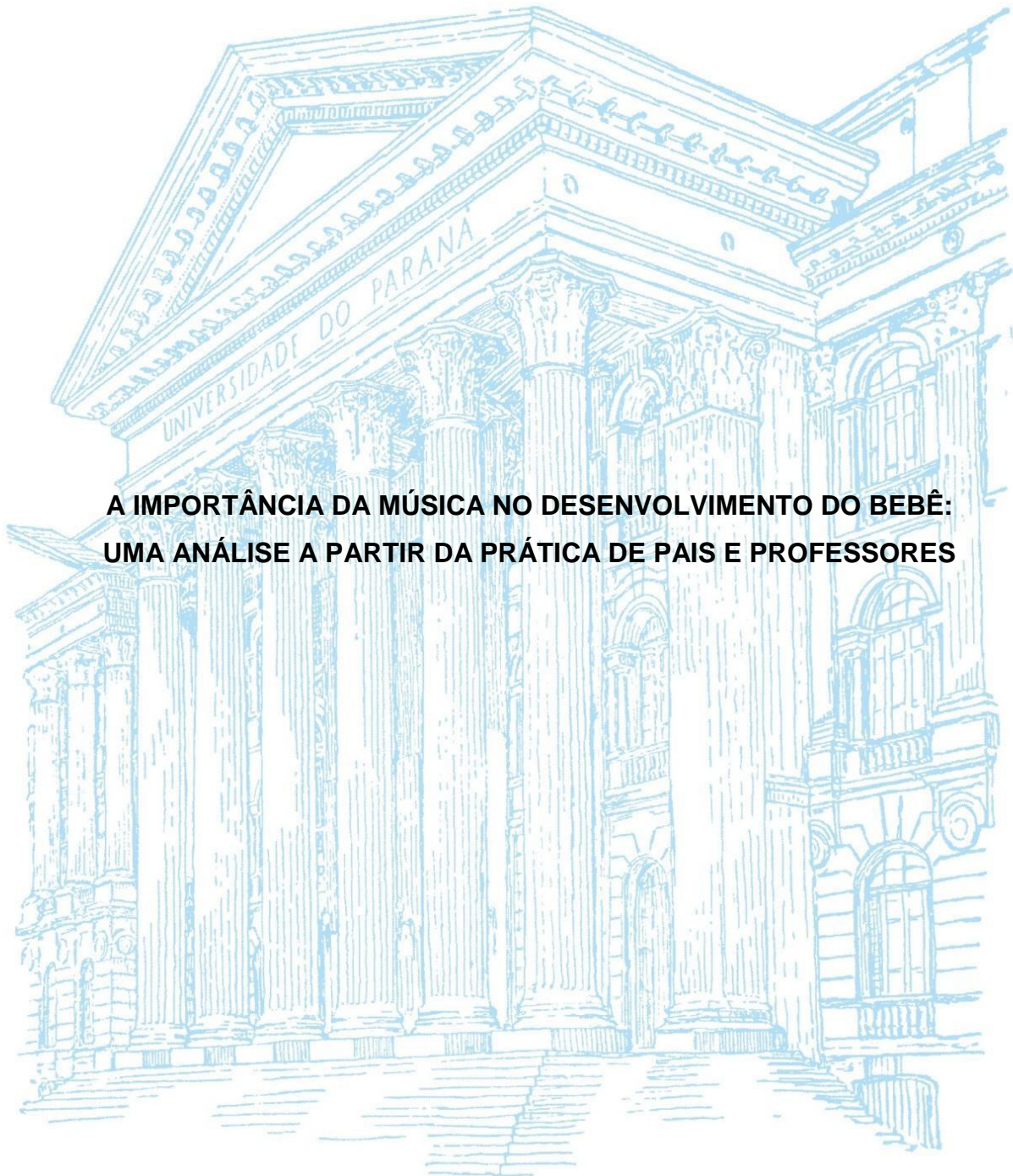


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BIANCA SPISILA

MARIANA GOMES ONGARO

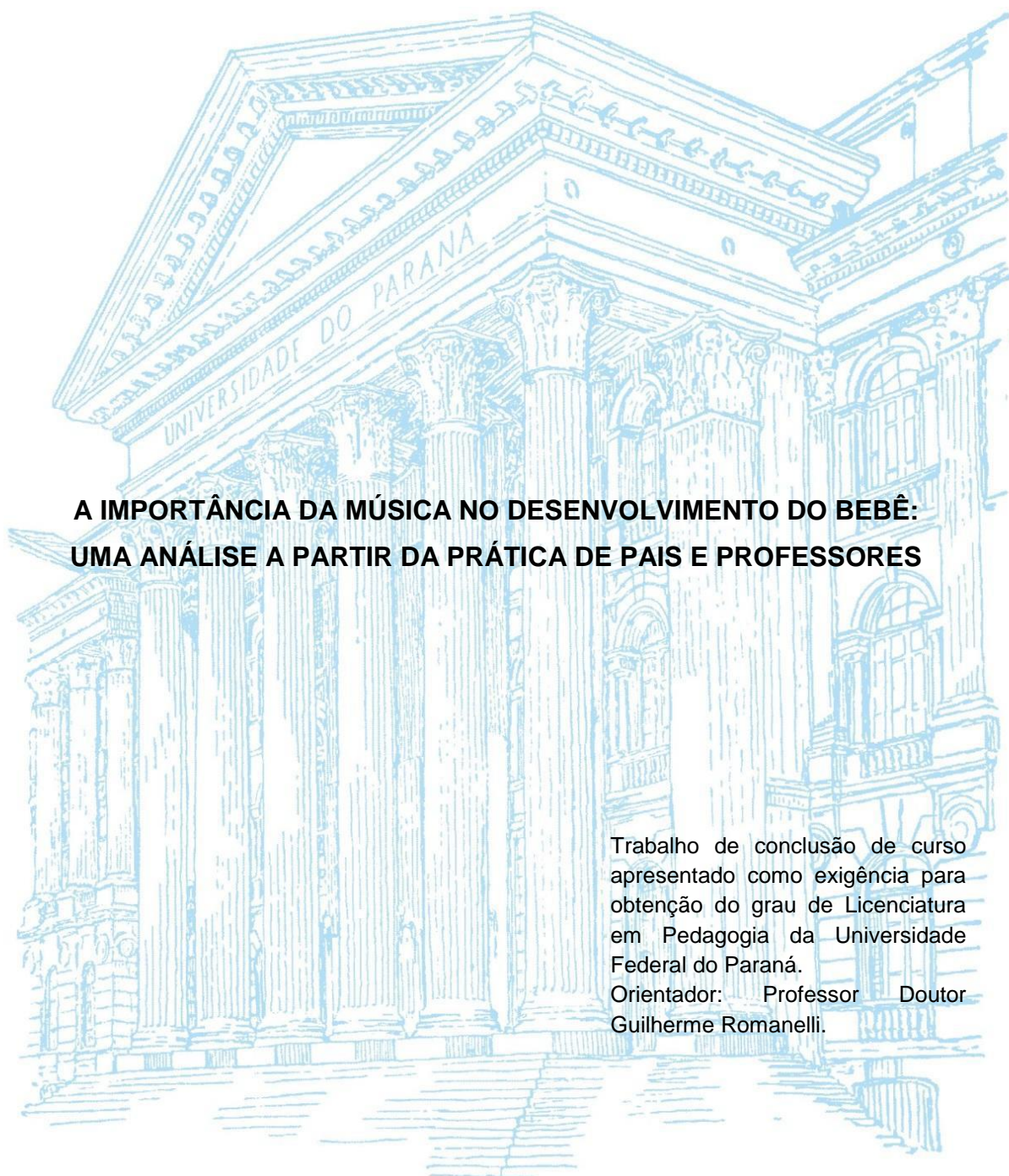


**A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ:
UMA ANÁLISE A PARTIR DA PRÁTICA DE PAIS E PROFESSORES**

CURITIBA

2017

BIANCA SPISILA
MARIANA GOMES ONGARO



**A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ:
UMA ANÁLISE A PARTIR DA PRÁTICA DE PAIS E PROFESSORES**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência para
obtenção do grau de Licenciatura
em Pedagogia da Universidade
Federal do Paraná.
Orientador: Professor Doutor
Guilherme Romanelli.

CURITIBA

2017

DEDICATÓRIA

Dedicamos primeiramente a Deus, aos nossos pais, irmãos, amados, amigos, colegas que fizeram parte desta caminhada acadêmica, aos professores que com seu conhecimento nos inspiraram mais para atuar na área da educação e em especial ao nosso Professor Orientador Guilherme Romanelli que nos deu todo o apoio para a realização deste trabalho e aos bebês que são a nossa paixão.

AGRADECIMENTOS

Aos nossos pais e familiares, que estiveram sempre do nosso lado nos incentivando e apoiando para que esse trabalho fosse realizado com sucesso.

A Deus, que nos deu força e sabedoria para seguir em frente e desenvolver esta pesquisa.

Aos amigos, que nos compreenderam pelas nossas ausências e que de alguma forma nos apoiaram.

Aos nossos colegas de curso, que fizeram parte deste importante momento da nossa carreira acadêmica.

A escola, que abriu as portas para que realizássemos a pesquisa deste trabalho.

Aos pais e aos profissionais da escola, que nos ajudaram com suas informações.

Aos bebês, por serem o nosso foco principal.

E ao nosso professor orientador Guilherme Romanelli que sempre se dedicou, nos apoiou e motivou para irmos a fundo nesta pesquisa. E que além de ser um excelente orientador é uma pessoa exemplar e generosa.

A todos, o nosso MUITO OBRIGADO.

“A música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e deve fazer parte da educação do povo.”

François Guizot

RESUMO

Este trabalho monográfico tem por objetivo analisar a influência da música no desenvolvimento infantil, a partir das práticas dos professores, pais ou responsáveis. Esta temática foi fundamentada em referenciais teóricos que abordam com profundidade o progresso que o bebê adquire ao ter contato com a música. Além disso, o embasamento deste trabalho foi feito por meio de um estudo exploratório em um campo empírico na região de Curitiba, buscando-se analisar a realidade do Berçário I da escola estudada a partir da literatura científica na área de desenvolvimento musical infantil. Diante deste estudo foram descritas algumas sugestões de práticas com a música que o profissional ou responsável pode utilizar na rotina do bebê.

Palavras-chave: Música, bebês, desenvolvimento, educação musical.

ABSTRACT

This monographic research aims to analyze the influence of music on children's development, based on the practices of teachers, parents or caregivers. This theme was based on theoretical references that address in depth the progress that the baby acquires in having contact with music. In addition, the basis of this work was done through an exploratory study in an empirical field in the greater Curitiba area (Southern Brazil), seeking to analyze the reality of Nursery I of the school studied in contrast with the specific literature. This study enabled to describe some suggestions of practices with music that professionals can use in the routine of the baby.

Keywords: Music, babies, development, music education.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1. | APRESENTAÇÃO..... | 01 |
| 2. | INTRODUÇÃO..... | 03 |
| 3. | A MÚSICA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS... | 06 |
| 4. | A MÚSICA NO BERÇÁRIO..... | 12 |
| 5. | A ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DOCENTES NA MÚSICA, QUANDO SE TRATA DE CRIANÇAS PEQUENAS..... | 20 |
| 6. | A RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A MÚSICA..... | 26 |
| 7. | METODOLOGIA..... | 31 |
| 7.1 | PESQUISA DESCRITIVA..... | 31 |
| 7.1.1 | ESTUDO DE CASO..... | 31 |
| 8. | APROXIMAÇÃO COM O CAMPO EMPÍRICO..... | 33 |
| 8.1 | O LOCAL E PROCESSO DE PESQUISA - CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO..... | 34 |
| 8.2 | OS SUJEITOS DA PESQUISA - PROCESSO DE OBSERVAÇÃO..... | 34 |
| 8.3 | AS FORMAS DE REGISTRO..... | 35 |
| 8.4 | SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS..... | 35 |
| 9. | CRIANÇAS E SUAS MÚSICAS: UMA DISCUSSÃO ENTRE A LITERATURA E O CAMPO EMPÍRICO..... | 37 |
| 10. | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 43 |
| | REFERÊNCIAS..... | 45 |
| | APÊNDICES..... | 48 |

1. APRESENTAÇÃO

Desde o início do curso de Pedagogia nós, autoras desta monografia, atuamos enquanto estagiárias na área de Educação Infantil e Ensino Fundamental, assim as experiências que adquirimos durante todo este tempo foram bastante significativas de modo a nos fazer refletir sobre o papel da música na vida cotidiana das crianças. Em especial, escolhemos analisar especificamente os bebês que estão no berçário I (quatro meses a um ano e oito meses de idade) por ser uma faixa etária que está em um grande processo de desenvolvimento de ensino e aprendizagem.

Percebemos como a música pode mudar o ambiente, trazendo tranquilidade, alegria, afetividade, enfim, várias manifestações podem surgir a partir de uma música cantada, dançada, expressada. Essas observações despertaram a nossa curiosidade em conhecer mais sobre os processos cognitivos e perceptivos que a música pode causar nos primeiros anos de vida, além de compreendermos qual o papel do professor neste processo, buscando enriquecer então a nossa prática e também dos futuros profissionais da educação com os bebês. No entanto, queríamos expandir nosso olhar para além das práticas escolares no berçário, visto que a opinião das famílias é relevante nessa pesquisa.

Na grade curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná estão presentes as disciplinas de Metodologia da Educação Infantil e Metodologia do Ensino de Artes, que puderam nos ajudar a refletir sobre a importância da arte na Educação Infantil, buscando trabalhar uma Educação Estética, a qual engloba todos os sentidos da criança, alimentando seu repertório e estimulando suas várias formas de expressão.

Diante da nossa trajetória pessoal enquanto professoras em formação e considerando orientações para o trabalho educacional, formulamos a seguinte questão: a partir das reações e percepções do bebê em relação aos sons, qual a relação dos educadores e dos pais

com a música para que possam utilizar-se no desenvolvimento do bebê?

Essa questão norteadora nos levou a pesquisar o que as teorias dizem sobre esse tema e como podemos aplicar esses conhecimentos em nosso dia a dia, e também a explorar a realidade para ir mais a fundo em nosso estudo, buscando conhecer as reações dos bebês em relação a musica, e o quanto ela é significativa na aprendizagem e no desenvolvimento.

2. INTRODUÇÃO

A música é um aspecto de grande importância para todos os seres humanos, principalmente na primeira infância onde a criança está exposta a novos conhecimentos e experiências que auxiliam significativamente para o seu crescimento. Neste sentido, a musicalidade carrega diversas positivities que podem contribuir para o processo de desenvolvimento da criança e também para a sua aprendizagem. O contato com qualquer tipo de sonoridade pode acarretar em vivências prazerosas e de bem estar, despertando na criança a curiosidade e o encantamento.

Ilari (2005) apresenta que a importância da música logo na primeira infância é objeto de discussão de algumas áreas do conhecimento como, por exemplo, da psicologia e da neurociência. Nos últimos tempos essas respectivas áreas ampliaram-se cada vez mais em estudos relacionados ao desenvolvimento musical da criança, além de buscar entender qual é a verdadeira importância que a música tem para o desenvolvimento infantil.

O Inciso 6º do Artigo VI da LDB diz: "As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo." O inciso 2, então, destaca a obrigatoriedade do ensino da arte no currículo da educação básica. Ou seja, a arte é importante e obrigatória, e a música está inserida nesse contexto. O professor precisa conhecer diferentes métodos de musicalização infantil para vivenciar com os pequenos, experiências musicais distintas, como a música com gestos, instrumentos, criação de sons, sabendo da importância da mesma no desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo, social e físico. Assim, também como os pais, cuidadores ou responsáveis, precisam estar cientes da importância de vivenciar a música em seus lares para que haja uma troca afetiva com os bebês e para que estes estejam expostos a novas experiências com os sons o que contribuirá para o seu desenvolvimento. As concepções contemporâneas sobre os bebês, a infância, a aprendizagem e a educação encaminham para a compreensão de um currículo que vislumbre o desenvolvimento integral das crianças nas dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural, compreendendo a

criança em sua multiplicidade e indivisibilidade. No entanto, vale ressaltar que:

Porém, quando pensamos nas crianças bem pequenas, isto é, nos bebês, temos dúvidas sobre como propor esse currículo. Ora, não será certamente por meio de aulas, de exposições verbais, mas, como vimos anteriormente, a partir da criação de uma vida cotidiana com práticas sociais que possibilitem alargar horizontes, ampliar vivências em linguagens, para que os bebês experienciem seus saberes. Serão exatamente esses primeiros saberes, essas experiências vividas principalmente com o corpo, por meio das brincadeiras, na relação com os outros — adultos e crianças — que irão constituir as bases sobre as quais as crianças, mais tarde, irão sistematizar os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. (BARBOSA, 2010, p.5)

Partindo desse pressuposto, o foco de estudo deste trabalho foi abordar como o adulto pode influenciar no desenvolvimento da criança, mais especificamente dos bebês, utilizando-se da música como um meio de transformação e contribuição para sua vida e quais são as reações que os mesmos estabelecem com os sons. Para esta pesquisa, obteve-se o apoio de alguns referenciais teóricos que contribuiram para conhecimentos mais fundamentados e uma análise de experiência de campo, para um contato mais aproximado com a realidade dos bebês, educadores profissionais, pais ou responsáveis que estão inseridos no ambiente de ensino.

Esta pesquisa monográfica demonstra relevância para a prática de professores, pais ou responsáveis que se utilizam da música como um aspecto fundamental para o desenvolvimento dos bebês, trazendo subsídios para esses sujeitos que atuam com a educação infantil e também aos que criam ou cuidam de crianças pequenas.

O primeiro capítulo deste trabalho indica reflexões sobre a importância que a música tem desde o ventre da mãe e as positivities que ela pode trazer para o feto e para o crescimento infantil, destacando alguns benefícios, habilidades e costumes que são essenciais desde o início da vida do bebê. Além disso, o capítulo discorre das vivências e experiências que são necessárias para que o bebê tenha um grande progresso.

O segundo capítulo apresenta como a prática musical deve ser inserida no berçário, as atividades e canções que são indispensáveis para os bebês e

os tipos de comportamentos que acontecem em determinadas situações que envolvem a sonoridade. A discussão deste capítulo é de ampliar o olhar do professor para que estabeleça em sua prática atividades que provoquem estímulos que acabam favorecendo para a aprendizagem do bebê, além disso, o capítulo aprofunda-se em duas questões relevantes: *As influências musicais que os bebês recebem no berçário são importantes para sua vida enquanto um ser social? De que maneira a música reflete no comportamento do bebê?*

O terceiro capítulo trata da atuação dos professores sobre a música, ou seja, da importância de um bom planejamento, aperfeiçoamento, do uso de repertórios musicais diversificados, do envolvimento com a ludicidade e da interação/aproximação que os profissionais e os bebês precisam ter um com o outro.

O quarto capítulo discorre sobre a relação musical e a importância que a família tem no processo de desenvolvimento do bebê. Neste capítulo, enfatiza-se a família como o principal agente que promove para o bebê o primeiro contato com a música e também aquele que influencia para o seu progresso musical.

No quinto capítulo são apontadas as razões que levaram à escolha do tema desta monográfica, igualmente como a escolha da execução metodológica que estabelece o tema estudado.

O sexto capítulo mostra a relevância da aproximação com o campo empírico, as medidas usadas para analisar a instituição escolhida, as dificuldades encontradas, a descrição da instituição, os sujeitos da pesquisa, como foram feitas as formas de registros e a sistematização dos dados.

O sétimo capítulo apresenta a discussão entre a literatura que engloba este trabalho e o campo empírico, por meio das observações e diagnósticos descritivos que foram feitas na instituição. Desta maneira, são relatados momentos musicais e falas dos adultos considerados mais significativos, relacionando então a realidade com aquilo que é dito pelas concepções dos autores aqui estudados.

Por fim, as considerações finais apontam a trajetória vivida na instituição pesquisada, as reflexões obtidas durante todo esse processo, assim como a estimativa do que pretende ser feito adiante.

3. A MÚSICA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS

As autoras desta monografia entendem que para compreender as influências que a música tem no processo de desenvolvimento infantil, é importante levar em consideração que ela está amplamente presente no cotidiano, uma vez que a cultura brasileira assim como as demais culturas de outros países são indissociáveis da musicalidade própria da criança.

A música se encontra em diversos ambientes, é um elemento que caminha juntamente com os seres humanos em inúmeras situações da vida. Nesta perspectiva é notório que o contato com a musicalização vem desde muito cedo, ou seja, desde o ventre das mães. Logo na barriga da mãe o bebê está exposto a vários tipos de sons como: batimentos cardíacos, sons dos órgãos, da placenta, da voz materna, das pessoas falando, dos barulhos do trânsito, da música que a mãe costuma a ouvir, da televisão, etc. A gravidez é um período em que a mãe e o bebê constroem um grande vínculo, a comunicação entre os mesmos ocorre em toda essa fase pré-natal, uma vez que a mãe tenta a todo o momento passar tranquilidade e bem estar para o bebê, muitas vezes por meio de sua própria voz. Desse modo Ilari (2002) mostra que:

O ouvido humano se desenvolve por volta do 22º (vigésimo segundo) dia de gestação, mas passa a ter função somente a partir da 25ª (vigésima quinta) semana de gravidez (Woodward et al., 1992). Contudo, é a partir da 32ª (trigésima segunda) semana de gestação que o feto tem o sistema auditivo completo e escuta relativamente bem, ainda dentro do útero. (ILARI, 2002, p. 84)

A partir dessas constatações, pode-se inferir que a conexão entre a mãe e o bebê pode ser feita também por meio de músicas já no período pré-natal. Mesmo que seja tão precocemente, é essencial proporcionar ao feto essas experiências, visto que logo no seu nascimento o bebê irá reconhecer os sons que a própria mãe costumava ouvir durante a gravidez. É de grande relevância que a mãe pratique hábitos de estar a todo o momento ligada ao bebê, pois com este costume o período da gravidez irá ocorrer de forma bastante saudável e significativa, fazendo então com que o bebê sinta o grande amor e afeto da mãe para com ele.

No entanto, a experiência das autoras desta monografia com a educação infantil, permite destacar que nem sempre esses elementos são levados em consideração. Existem muitas mães que não dão tanta importância para essas atitudes que possibilitam um laço cada vez maior com o bebê. O modo de agir acontece muitas vezes de forma contrária, rejeitando a criança desde o ventre o que pode ocasionar traumas para toda a sua vida.

Os recém-nascidos são extremamente curiosos, possuem altas habilidades em perceber sons diferenciados. Assim, desde muito cedo os mesmos sentem ou identificam as sonoridades que estão ocorrendo no ambiente em que está inserido. É natural que nesta fase da vida eles tenham uma atenção maior aos sons que acontecem ao seu redor, assim como diz Ilari (2013):

Minutos após o nascimento, através de olhares discretos já dão indícios de que percebem que há sons diferentes que emanam de diversas fontes como a TV, o rádio ou alguém conversando ao lado do berço. Conforme vão crescendo, aprendem a virar a cabeça em direção às fontes sonoras. Aliás, esse é um dos comportamentos que os fonoaudiólogos avaliam quando querem saber se um bebê tem problemas auditivos. A curiosidade por sons diferentes é algo natural e muito presente no início da vida. (ILARI, 2013, p. 35-36)

Conforme vão crescendo, amadurecendo, criando resistência e se desenvolvendo, os bebês manifestam movimentos de seu corpo em direção ao som. Quanto mais adquirem equilíbrio, mais conseguem expressar suas reações às músicas, muitas vezes imitando como as outras pessoas ou como os próprios pais ao reagirem à música tocada, igualmente como Ilari (2013) define:

Assim que começam a controlar o equilíbrio, muitos bebês balançam o corpo e os braços e sorriem em resposta a determinadas músicas. Eles também gostam quando são balançados pelos adultos, e é realmente muito gostoso ver suas expressões de deleite, no vai e vem de nossos braços. Todo mundo que tem um bebê ou criança pequena em casa sabe disso. No entanto, o que ninguém sabia até certo tempo atrás é que balançar uma criança ao som de uma canção pode ajudar no desenvolvimento de sua percepção rítmica. (ILARI, 2013, p. 31)

A questão rítmica se faz presente na vida do bebê desde a barriga da mãe, como o contato com os batimentos cardíacos e depois quando nasce, na sua própria rotina, ou seja, horários definidos para a alimentação,

amamentação, troca de fraldas, banho, dormir, brincar e passear (ILARI 2013). Vale ressaltar que a comunicação que ocorre entre a mãe e o bebê é também rítmica.

Segundo Ilari (2013) a tendência dos bebês é de reproduzir imitações, conseqüentemente, por meio destas ações os mesmos terão uma facilidade maior com os ritmos musicais, ajudando até mesmo a aprenderem a falar mais precocemente. Obviamente, a expectativa com aqueles bebês que possuem uma comunicação expressiva por meio de gestos, choros, sorrisos ou gargalhadas e sons que se relacionam as músicas, irá desencadear a fala.

A partir dos referenciais teóricos citados, as autoras desta monografia destacam que a música é, evidentemente, um elemento fundamental no processo de crescimento do bebê. Porém, a educação musical não é o único elemento capaz de desenvolver, por exemplo, a fala da criança ou o único capaz de contribuir para as diversas situações de desenvolvimento e também de ensino e aprendizagem. Existem várias formas de estimular o bebê, a música é apenas uma das opções que acaba cooperando de modo positivo para a sua vida. Para Filipak e Ilari (2005) a todo o momento os bebês vivem uma nova descoberta já que qualquer tipo de ação traz experiências novas, por isso estimular o bebê pode ter uma grande contribuição em seu desenvolvimento motor, físico, psicológico e emocional. Filipak e Ilari (2005) dizem que, seja qual for o estímulo à criança irá desencadear uma expressividade, por meio de um movimento, um balbúcio ou qualquer outro tipo de comportamento.

Todavia, além das respostas aos estímulos, os bebês também se manifestam conforme as suas necessidades, como quando estão com fome e a mãe logo identifica o seu choro. A partir disso, a comunicação entre a mãe e o bebê passa a ter uma linguagem com perguntas e respostas. Desta maneira:

Ao se manifestar, a criança espera uma resposta, e cabe aos pais perceber e responder a esta necessidade com o intuito de desenvolver os sentidos da criança, para que ela, por sua vez, tenha acesso a uma expressão própria, prelúdio da linguagem, e abertura para a música. (FILIPAK; ILARI, 2005, p. 86)

Para as autoras, cada bebê reage diferentemente aos sons, assim todos estão sempre atentos aos movimentos e sons que estão ao seu redor. Ao tratar

sobre as canções que as mães costumam cantar para os seus filhos, seja uma doce melodia ou uma melodia mais alegre, é possível perceber a fixação do bebê. Ilari (2002) destaca que as canções de ninar, por exemplo, foram criadas para acalmar e relaxar o bebê, até que ele caia no sono. Já as canções mais alegres, usadas nos momentos de brincar ou em outras situações, provocam o despertar da criança e o seu movimento fazendo com que o mesmo fique atento em qualquer tipo de ação, além de auxiliar na percepção auditiva, coordenação motora, sociabilidade, linguagem e musicalidade.

Nesta perspectiva, a música está presente diariamente na vida do bebê, uma vez que várias mães têm o costume de cantar para o seu filho em diversas ocasiões. Não obstante, o bebê é capaz de manifestar a sua preferência musical por meio da expressividade, por isso é de suma importância que a música tenha uma grande presença no cotidiano do bebê, pois as vantagens são muito positivas para o seu desenvolvimento.

Segundo Romanelli (2014):

Além das experiências essencialmente vocais que as crianças fazem, a exploração dos objetos sonoros é uma constante em seu desenvolvimento. Não é por acaso que a maioria dos brinquedos elaborados para bebês produzem algum tipo de som, ou que panelas e suas tampas são transformadas em “baterias”. O fascínio que a criança tem pelas fontes sonoras é o elemento essencial na construção de seu repertório de sons que posteriormente fundamentará suas experiências musicais. (ROMANELLI, 2014, p. 63)

Seguindo a perspectiva de Romanelli (2014), quando os bebês são expostos a qualquer tipo de objetos sonoros, adquirem uma experiência muito significativa, uma vez que o som que essas fontes sonoras proporcionam é algo instigante, ou seja, acaba despertando a curiosidade, além de contribuir de fato para a sua cultura musical.

Os objetos sonoros são elementos que também são muito presente na rotina dos bebês. Desse modo, é possível destacar que os brinquedos melódicos que são produzidos para crianças pequenas, são um tipo de instrumento que assim como os demais utensílios que provocam qualquer tipo de som, aguçam a curiosidade ao toque, o interesse, a atenção, o fascínio e não menos importante, oferece estímulos que são essenciais para o seu processo de desenvolvimento (ROMANELLI 2014).

Para Romanelli (2014) facilitar a exploração de um ambiente sonoro mais amplo é um componente da educação musical. Proporcionar aos bebês ambientes que são ricos em experiências é bastante positivo, pois é na primeira infância que ocorre o descobrimento do mundo. Por isso é quase impossível imaginar que a música não esteja presente na vida do bebê, por isso a musicalização é tão importante para os pequenos.

É de grande relevância destacar que a classificação, exploração e envolvimento com as experiências sonoras é uma tarefa de diversos agentes que fazem parte da vida do bebê, como: pais, cuidadores e educadores. Portanto viabilizar diversas situações musicalmente ditas é um trabalho que ocorre desde o ventre da mãe, como já citado. A partir do momento em que o bebê está em contato direto com a música, o mesmo está em constante progresso (ROMANELLI, 2014).

Por conseguinte, sabe-se que o desenvolvimento infantil passa por inúmeros episódios até que alcance a vida adulta. Desta forma, o mundo está cercado de experiências, informações e aprendizagens sociais, históricas e culturais, dentre elas a música. Por isso, as pessoas estão a todo o momento expostas a acontecimentos que as fazem refletir, aperfeiçoar e progredir à medida que vão se submetendo a quaisquer circunstâncias ao longo da vida (ILARI, 2003).

É neste sentido que a música tem um papel fundamental quando se trata de desenvolvimento, crescimento e educação infantil. Devido à sua positividade, a música traz para uma criança pequena ou para qualquer pessoa de idades distintas, um grande apoio capaz de transformar sua relação com o mundo (ILARI, 2013).

O bebê é um ser que precisa estar a todo instante cercado de novidades e a música é sem sombra de dúvidas, um elemento propício para sua evolução enquanto criança. Para Ilari (2003), o cérebro infantil possui uma ampla habilidade de desenvolvimento, fazendo com que todas as informações recebidas e processadas no período da primeira infância, produzam várias ligações que serão compostas na estrutura cerebral.

Conseqüentemente, quando o bebê é incentivado a sentir, escutar, refletir e operar acerca da música, coopera-se de fato para um cérebro mais flexível, tornando-o eficiente para assimilar com facilidade a sonância de sua

cultura, assim como diz Muszkat (2012). Isso ocorre devido à primeira infância ser a fase ideal para praticar ou atribuir estímulos envolvidos com a musicalização.

Dessa forma, defende-se aqui a importância de oferecer estímulos musicais ricos às crianças desde a mais tenra idade, o que certamente contribuirá para o futuro desenvolvimento musical.

4. A MÚSICA NO BERÇÁRIO

Sabe-se que a música auxilia em todo o processo de formação humana. Existem vários pesquisadores que estudam a sua influência principalmente na infância, pois assim como apresentado no capítulo anterior, a música é um grande agente de melhoria para o desenvolvimento e qualidade de vida da criança (ILARI, 2013). Partindo deste pressuposto surgem então as seguintes questões: As influências musicais que os bebês recebem no berçário são importantes para sua vida enquanto um ser social? De que maneira a música reflete no comportamento do bebê?

De acordo com o conhecimento das autoras desta monografia, logo que a criança chega ao berçário, é possível perceber que o ambiente em que o bebê estará inserido é cercado de novidades. Desta forma, a interação com outros adultos profissionais e com outros bebês irá desencadear diversas experiências positivas em seu crescimento. Além disso, o ambiente possui fortes estímulos sonoros, dando possibilidade para que a criança assimile tudo o que está ao seu redor, porém vale destacar que isso não ocorre necessariamente com todas as crianças.

Por conseguinte, a educação musical no berçário deve ser trabalhada com o intuito de produzir o prazer no bebê, envolvendo sempre a ludicidade, atividades que desenvolvam a expressão corporal, a oralidade, a questão rítmica, a diferenciação entre os sons como grave, agudo, forte, suave, curto e longo, dentre outras capacidades como forma de diversão e alegria.

A grande provocação de praticar ou ensinar música no berçário está em proporcionar experiências rítmicas, melódicas e harmônicas sem ser algo muito maçante, tedioso ou forçado, já que não é objetivo no início da Educação Infantil construir noções básicas partindo do conhecimento sistematizado, mesmo que bebês já formem, de alguma forma, suas abstrações sobre suas experiências sonoro-musicais. É de extrema importância que a criança pratique ações musicais com espontaneidade, ou seja, naturalmente, conforme a sua própria vontade.

O mais interessante quando o bebê está em contato com qualquer tipo de objeto sonoro que está sendo disponibilizado no ambiente de ensino, é ver que a sua competência é suficiente para fazer música. Esta é uma das

maneiras de comunicação que o bebê pode utilizar em diversas situações. Uma vez que ocorre esta experiência, o mesmo dificilmente irá se desligar ou deixar de usar estes utensílios sonoros, assim como manifesta Costa (2015).

O ideal é que o berçário disponibilize a musicalização por meio de uma seleção apropriada para a idade. Canções folclóricas, por exemplo, são um repertório enriquecedor que inclui cantigas de roda, de ninar, de brincar, etc. Além do mais, dentro desse repertório é relevante introduzir músicas relacionadas ao movimento de todo o corpo, dos sons que são feitos pela própria voz e de instrumentos percussivos como: violão, tambor, chocalho, triângulo, pandeiro; ou algo que faça qualquer tipo de som, como: garrafas PET, copos plásticos, caixas de papelão, latas; A partir dessas ferramentas o bebê irá esboçar a atenção e o encantamento, manuseando-os e produzindo sons, assim como nos diz Costa (2015).

Fazer com que o bebê explore, manipule e observe estes tipos de objetos sonoros no berçário, é um ato de iniciação musical e de motivação para fazer qualquer som. Geralmente quando os bebês provocam sons ou barulhos, os mesmos demonstram euforia e até mesmo deslumbramento. Utilizar a música com crianças pequenas é um dispositivo pedagógico que será de fato, bastante significativo para o seu desenvolvimento, até porque as crianças são muito inteligentes, criativas e curiosas e o contato com qualquer tipo de objeto sonoro em momentos de brincadeira irá acabar ocasionando em sons diferenciados (COSTA, 2015).

Ao tratar sobre a primeira questão aqui levantada *“As influências musicais que os bebês recebem no berçário são importantes para sua vida enquanto um ser social?”*, é possível dizer que hoje em dia os profissionais educacionais, disponibilizam mesmo que de forma limitada, pequenas situações ou atividades que aproximam os bebês da musicalização. Obviamente, existem várias instituições que praticam de forma mais enfática o uso da música, a fim de promover experiências que irão acarretar de forma positiva no processo de ensino e aprendizagem. Pode-se afirmar que:

Ao oportunizar o ensino da música às crianças desde cedo, damos a elas a chance de desenvolverem diversas habilidades importantes. Mas não se engane. Fazer música nessa idade não serve apenas para aprender a ouvir, cantar ou tocar. Através da música, as crianças também aprendem a refletir e a fazer escolhas conscientes

sobre os tipos de música que desejam ouvir e apreciar. Aprender música na idade escolar ajuda as crianças a se tornarem críticos musicais. E isso é mais que fundamental nos tempos atuais. (ILARI, 2013, p. 46-47)

Sendo assim, as influências musicais que os bebês adquirem ao longo de sua vivência no berçário desenvolvem, sem dúvida, sua sensibilidade musical, a ampliação da percepção e também alguns aspectos de individualidade da criança, além do estímulo a partir da sua formação social e global. Portanto, a música tem grandes implicações na vida do ser humano, principalmente na fase infantil.

Em relação à segunda questão “*De que maneira a música reflete no comportamento do bebê?*”, podemos começar a discussão com a citação de Romanelli:

[...] pode-se afirmar que a função da música na Educação Infantil vai além de reger o comportamento de crianças, mas serve, sobretudo para formar o sujeito autônomo diante do mundo sonoro e musical no qual vive. Essa autonomia almejada na Educação Musical se reflete no desenvolvimento da capacidade que a criança tem para: 1. Fazer suas próprias escolhas musicais; 2. Estabelecer relações entre diferentes músicas e sons; 3. Cultivar a curiosidade sobre novas músicas e novos sons. (ROMANELLI, 2014, p. 66-67)

Diante desta perspectiva, pode-se dizer que o comportamento do bebê tem diferentes estágios, cada um apresenta atitudes distintas. No entanto, quando se trabalha com música no berçário o resultado em bons estímulos comportamentais aparece logo quando o mesmo tem o contato direto com a sonoridade. Assim como diz a autora:

A música afeta cada ouvinte de modo singular. Cada pessoa tem uma história particular e significativa com a música. Quando muitas vezes a fala e a ação impõem resistências, a música libera. A música é mais que movimento físico, é um movimento integrador análogo ao próprio funcionamento cerebral, integrativo e holístico e por tais questões encontra sintonia nesta relação, promovendo ativações e conexões que se apresentam como representativas para mudanças comportamentais significantes. (VARGAS, 2012, p. 955)

Desse modo, a música possibilita ao bebê diversas reações comportamentais, pois o influencia tanto psicologicamente quanto fisicamente. No berçário geralmente, os bebês apresentam um pouco de inquietação em algum momento do dia, por essa razão, o educador pode utilizar a música

como forma de combater a agitação em excesso, a agressividade e o estresse que acaba ocorrendo entre as crianças muitas vezes na própria interação. Assim, com a prática constante da música no berçário o ambiente torna-se mais tranquilo, acalmando então os ânimos, colaborando também para um bom convívio e harmonização em grupo, além de favorecer para a formação de sua identidade. Vale ressaltar que esse não é o objetivo principal da música no berçário, o qual vai muito além do que acalmar os ânimos, mas esse é um costume que está muito presente, pois de certa forma tranquiliza as crianças durante o dia.

A presença da música no berçário permite de forma bastante significativa estimular a sensibilidade e a receptividade da criança ao som. Ensinar música para os bebês ou crianças pequenas não significa forçá-los a praticar um instrumento ou a memorizar diferentes canções conforme vai crescendo, pelo contrário, a musicalização deve se desenvolver acompanhando a criança pequena no descobrimento de diferentes tipos de sons que existem ao seu redor (ILARI, 2013).

Diante da visão de Moraes (2012), não se pode esquecer que a ludicidade é fundamental na vida das crianças, o brincar tem um significado muito intenso em seu dia a dia, pois propicia ações prazerosas, criativas e imaginárias. Sendo assim, a brincadeira expõe nas crianças suas emoções e seus pensamentos. Quando a música é introduzida desde o berçário, seja por meio de brincadeiras com cantigas de roda, jogos/brinquedos musicais ou até mesmo por uma música cantada pelo adulto, o educador está possibilitando situações de contato direto com os diferentes princípios sonoros que se encontram na música.

Conforme o entendimento das autoras desta monografia é possível perceber que a musicalização é reconhecida como um componente essencial no currículo escolar e na formação do indivíduo, porém dentro da educação infantil e do berçário (que é aqui o foco principal), a música é utilizada muitas vezes apenas como um apoio na aprendizagem ou como um pequeno elemento de distração. Mas, como já visto, a mesma tem um grande potencial no desenvolvimento de habilidades, potencialidades, expressividade e autonomia. É neste sentido, que o reconhecimento musical na educação deve ser cada vez mais amplo.

As instituições de ensino carregam consigo grandes oportunidades para as crianças pequenas e até mesmo aos mais jovens de explorarem vários conhecimentos, incluindo também os musicais. Desta forma, sabe-se que existem documentos legais e documentos de orientações gerais que apresentam o ensino da música como um elemento fundamental na área educacional. Assim, segundo Figueiredo (2011, p. 13) “A Lei n. 11.769/08 indica claramente que a música deve fazer parte do currículo escolar, não podendo ser substituída ou suprimida da formação escolar.” No entanto:

Note-se que a Lei n. 11.769/08 apresenta, em seu texto, a não exclusividade do ensino da música: a música é conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, ou seja, o currículo escolar deve estabelecer um espaço para a música, sem prejuízo das outras linguagens artísticas. Em suma, a formação em artes ganha, com a Lei n. 11.769/08, um reforço para os argumentos que se podem construir para a ampliação da presença do ensino das artes – e da música – no currículo escolar. (FIGUEIREDO, 2011, p. 13)

Em contrapartida, a Lei n. 9.394/96 que se encontra no parágrafo 2º do artigo 26 diz que: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (LDB, 2014, p. 19). Desta maneira, de acordo com Figueiredo (2011) esta Lei continua operante¹ e a obrigatoriedade sobre a música está estabelecida, porém os regimes educacionais permanecem livres para organizarem a forma de como a área musical será considerada no currículo escolar.

A educação brasileira apoia a presença da música na escola como parte de um processo curricular (FIGUEIREDO 2011), a partir disso é possível perceber que a música tem seu lugar de extrema importância nos ambientes de ensino cooperando também, assim como as demais modalidades educacionais, para a formação musical dos educandos. Assim, vale destacar que:

A Lei n. 11.769/08 traz mais elementos para garantir a presença da música no currículo escolar. Depende de cada sistema educacional a implementação da música em seus currículos, assim como depende

¹ Em 2016 foi promulgada a Lei 13.278 que trata da obrigatoriedade de quatro linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) no componente curricular Arte. Mesmo que esta Lei seja mais recente, as discussões aqui apresentadas continuam pertinentes, já que a mudança da LDB com a obrigatoriedade da música se dá a partir da Lei 11.769 de 2008.

de cada sistema a abordagem a ser empregada nesta implementação. O que se pretendeu com esta nova legislação foi a garantia de uma educação musical com qualidade, acessível a todos os estudantes brasileiros. Evidentemente, os educadores musicais desejam que tal formação escolar seja feita com muita qualidade, garantindo que a experiência musical no currículo será consistente e significativa. (FIGUEIREDO, 2011, p. 15)

Nesta perspectiva, espera-se que o currículo seja cada vez mais amplo, que contemple a qualidade de ensino e que atenda todos os indivíduos em seu processo de formação, deixando-os preparados para enfrentarem as diversas particularidades que ocorrem durante a experiência social. Portanto, é preciso que o acesso à educação musical esteja presente em todas as instituições escolares, como parte integrante do currículo a fim de garantir democraticamente um ensino musical para todos (FIGUEIREDO, 2011).

A música possui as suas positivities, neste sentido, a mesma é um assunto de grande relevância desde os tempos antigos, uma vez que sua formação musical proporciona assistência ideal para o desenvolvimento emocional e psicológico de crianças e jovens (MOREIRA, SANTOS, COELHO 2014). Desta forma, segundo as autoras o país é cercado de riquezas culturais e artísticas que precisam ser incorporadas na área educacional. Assim, com a valorização e a inclusão destas nos espaços escolares, a diversidade social e musical estará presente de forma cada vez mais dinâmica e permanente.

É importante destacar que:

A música pode ser uma atividade divertida e que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporciona um estado agradável de bem estar, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, sendo também um agente cultural que contribui efetivamente na construção da identidade do cidadão. Pode até mesmo transformar conceitos espontâneos em conceitos científicos. (MOREIRA, SANTOS, COELHO, 2014, p. 42)

Seguindo esta perspectiva, na conjuntura escolar a música aparece como um elemento capaz de transformar os comportamentos, expressões e ações de um indivíduo. No berçário, por exemplo, é possível perceber que os bebês apresentam uma atenção maior ao estar em contato com algo harmonioso, por isso a relevância da música no local onde os bebês passam a maior parte do seu dia.

Moreira, Santos e Coelho (2014) dizem que, é preciso refletir sobre o valor da música nos espaços educacionais. Os educadores e até mesmo a equipe pedagógica das escolas carregam consigo um papel de estar sempre aprimorando, disponibilizando atividades novas e prazerosas e também ambientes que ofereçam um contato com os mais variados materiais sonoros para seus alunos. Cabe aqui destacar que:

É de suma importância que o educador priorize um espaço amplo para executar suas aulas, onde as crianças possam se movimentar, tocar instrumentos, dramatizar, cantar, se comunicando de forma livre com seus colegas, trabalhando assim a linguagem musical. Neste contexto de linguagem musical, as crianças se relacionam de modo mais integrado nas atividades propostas pelo mediador. (COSTA, 2015, p. 15)

Todavia, é necessário que a educação básica ofereça a musicalização como linguagem artística, forma de expressão e um bem cultural, expandindo o conhecimento musical do educando, assegurando o contato com os diversos estilos e gêneros existentes na sociedade, causando então um pensamento reflexivo e crítico (KOCH, 2012).

Segundo Lino:

Uma das marcas da infância é fazer música brincando, ou brincar fazendo música, ou mesmo brincar e fazer música. O trocadilho das palavras não quer deslocar essa ação lúdica que adere ao corpo voluntariamente, mas afirmar que, para as crianças, seu estar no mundo vibra sonoridade. Assim, mesmo que em nossa cultura o brincar possa ser visto por alguns como mera recreação, passatempo, descarga de emoções, modo de aprendizagem e reflexão, há outras maneiras de compreendê-lo. (LINO, 2008, p. 36)

Isto posto, fica claro que o brincar é uma atividade indispensável na vida de uma criança e a escola é um dos grandes agentes que possibilita toda essa prática. A música e a brincadeira estão ligadas uma a outra de modo a cooperarem para o desenvolvimento infantil. Diversas pesquisas dizem que para muitas culturas “brincar é fazer música” (LINO, 2008).

Costa (2015) declara que no berçário e no maternal a presença das cantigas de roda é mais frequente, uma vez que o objetivo é de promover um ambiente aconchegante e familiar, por isso, é necessário que as educadoras se apropriem e busquem canções que os bebês estão acostumados a ouvir em casa com os pais e também aquelas que são novidades, que despertam

entusiasmo. Por outro lado, as cantigas de roda são uma excelente opção para ser trabalhada com as crianças pequenas, pois estimulam a imaginação, o psicológico e o cognitivo das mesmas. Não obstante, toda essa prática precisa estar envolvida com a ludicidade que é um componente essencial no berçário e nos primeiros anos da educação infantil. Martins (2012) mostra o quanto as cantigas de roda são significante nos ambientes educativos em que os bebês se encontram. A utilização destas dentro da sala de aula acarretam atividades lúdicas produtoras, receptivas e comunicativas entre os bebês. Além disso, esse tipo de atividade favorece a socialização das crianças e a partir dessa ação os mesmos aprendem a conviver em grupo e diminuem o individualismo.

Silva e Bouffleur (2017) explicam que:

A música na educação infantil tem um importante papel para favorecer descobertas e assim deve possibilitar vivências na aprendizagem. Pois somente com uma experiência concreta a criança adquire o interesse sobre a música. (SILVA, BOUFLEUR, 2017, p. 11)

Ao tratar sobre esta concepção, essas autoras mostram que a música, além de possibilitar a socialização entre as crianças, é um recurso positivo de ensino e aprendizagem que precisa ser cada vez mais disponibilizado e estimulado nas escolas. Por conseguinte, cabe à escola e aos profissionais ampliarem o seu conhecimento e garantir o acesso a todas as áreas educacionais, inclusive a música para seus alunos, e isso deve ocorrer desde o berçário, ou seja, desde o início da vida escolar.

Portanto, diante do ponto de vista das autoras desta monografia, para que a música esteja presente no berçário e em outros níveis de ensino, é de suma importância que todo o contexto escolar se aproprie e inclua a musicalização como parte essencial no processo de desenvolvimento e de ensino e aprendizagem dos alunos. Considerar a música no âmbito educacional é garantir novas descobertas e vivências que trarão um resultado bastante positivo, além do mais, o relevante de todo esse processo é que a escola provoque o fascínio e o interesse pela música.

5. A ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DOCENTES NA MÚSICA, QUANDO SE TRATA DE CRIANÇAS PEQUENAS

Os profissionais docentes da Educação Infantil encontram a necessidade de trabalhar a musicalidade em seu dia a dia com as crianças. É importante que eles trabalhem a música com as crianças em sala, mesmo não sendo um profissional com formação musical específica ou tocar um instrumento, porém é relevante buscar conhecimentos sobre este aspecto para aperfeiçoar a sua prática. Assim como afirma Romanelli (2014, p.64) “[...] todos são mais musicais do que imaginam, já que esse conhecimento não se restringe ao domínio formal e acadêmico da música”.

Os professores podem utilizar-se de diferentes técnicas com a música, incluindo atividades em seu planejamento para atingir os objetivos necessários de cada faixa etária específica das crianças. Ou seja, as crianças não somente devem apenas cantar, mas também:

[...] bater ritmos, movimentar-se, dançar, balançar partes do corpo ao som de música, ouvir vários tipos de melodias e ritmos, manusear objetos sonoros e instrumentos musicais, reconhecer canções, desenvolver notações espontâneas antes mesmo do aprendizado da leitura musical, participar de jogos musicais, acompanhar rimas e parlendas com gestos, encenar cenas musicais, participar de jogos de mímica de instrumentos e sons, aprender e criar histórias musicais, compor canções, inventar músicas, cantar espontaneamente, construir instrumentos musicais; essas são algumas das atividades que devem necessariamente fazer parte da musicalização das crianças. Todas essas atividades são benéficas e podem contribuir para o bom desenvolvimento do cérebro da criança. (ILARI, 2003, p. 14)

O contato da criança com diferentes estilos musicais permite que a mesma estabeleça diferentes relações e escolhas entre eles, como também estimula a curiosidade em querer ouvir novos sons. Portanto, segundo a concepção de Ilari (2003), para que a criança tenha um bom desenvolvimento musical na Educação Infantil, é necessário que os profissionais docentes estabeleçam práticas musicais, aperfeiçoamentos, envolvimento com a ludicidade, exploração com o mundo sonoro, repertórios musicais diferenciados, etc. É de suma importância que os professores incluam em sua rotina (no berçário especificamente) práticas musicais com os bebês, mas isso

somente será eficaz se os mesmos “[...] valorizarem e contemplarem esses mundos, visto que é a partir dessa experiência que as crianças adquirem conhecimentos e habilidades musicais.” (LINO, 2010, p. 82). Desta maneira, se o docente não tiver o gosto pela música, os momentos musicais que ele proporcionará para com as crianças não serão tão prazerosos e significativos, gerando assim monotonia em sua prática, ou seja, ele estará apenas cumprindo uma tarefa por obrigação e não entendendo a verdadeira importância da mesma.

Nesta perspectiva é necessário então, que o profissional possibilite experiências musicais independentes para as crianças, sendo elas o ato de barulhar que seria:

[...] de fazer barulho, de sonorizar sem prévia sistematicidade e determinação – expressa toda uma sensibilidade que em sua dimensão primeira é de um corpo em contato com o real. Corpo que estabelece uma relação de presença e doação ao se movimentar, se fazer ressoar num tempo e num espaço, emergindo o sensível como característica da infância. Sensibilidade que, sendo social e histórica é condição de pôr-se no mundo soando. (LINO, 2010, p. 84 - 85)

A partir disso, segundo a visão de Lino (2010), a criança precisa de seu momento de criação musical para experimentar e descobrir novas possibilidades de sons, sem que o professor interfira diretamente em suas descobertas. Ao mesmo tempo é relevante que também o professor participe dessas situações, influenciando com seus modelos de sonoridade. Por exemplo, se em uma turma de berçário, o professor disponibilizar latas para as crianças brincarem com o objetivo de explorarem as mesmas, principalmente no sentido sonoro que o objeto pode propor, o professor poderá dar exemplos de como manuseá-las e produzir sons diferenciados, assim a criança terá modelos de como manipulá-las, conhecendo diferentes sons.

Considerando esse aspecto da liberdade da criança em descobrir novos conhecimentos musicais, Lino (2010) destaca que é preciso valorizar a improvisação, e “a necessidade humana de sentir antes de dar sentido” (p.85). Além disso:

[...] quando a escola desconsidera a importância da escuta das crianças na música, ignorando seu inabordável encanto em barulhar, corre o risco de manter-se estática e petrificada pelas rotinas sonoras

oferecidas no cardápio escolar que não tem acolhido o imprevisto e o impreciso, característicos da expressão sonora na infância. Se as crianças não puderem reviver seu intenso e sinestésico barulhar, ele será temporário e transitório. Inexplorado em sua diversidade, pluralidade e complexidade, o barulhar deixará de potencializar a dimensão poética. (LINO, 2010, p. 86)

Ilari (2003) relata, baseada em pesquisas, que o ato de cantar pode ativar o sistema de linguagem, de memória, de orientação sequencial, entre outros. Enquanto o movimento corporal ajuda a desenvolver os sistemas de orientação espacial e também motor. Assim:

[...] quando o canto acompanhado de movimentos corporais acontece em salas de aula, as crianças ainda têm a possibilidade de desenvolver o sistema de pensamento social. Através do canto acompanhado por gestos e movimentos corporais, a criança pode vir a ter pelo menos seis sistemas de seu cérebro estimulados. (ILARI, 2003, p. 14-15)

Pode-se reconhecer os tipos de canções a partir das características específicas de cada uma, como diz Ilari (2002), as canções de brincar geralmente são mais rápidas, apresentando jogos de palavras ou sugestões de movimentos corporais. Já as canções de ninar são mais lentas para que possa acalmar e estimular o sono, enquanto a primeira tem a finalidade de desenvolver a percepção auditiva, o desenvolvimento da coordenação motora, da sociabilidade, da linguagem e da musicalidade do bebê, assim como já citado no capítulo *“A música no processo de desenvolvimento dos bebês”*. Uma curiosidade:

[...] é o fato de que existem canções de ninar em praticamente todas as culturas do mundo, e que essas canções têm elementos musicais comuns que são reconhecidos universalmente (Unyk, Trehub, Trainor e Schellenberg, 1992; Trehub, Unyk e Trainor, 1993a). (ILARI, 2002, p. 84)

É de suma importância que o educador selecione um repertório musical que busque atingir os objetivos desejados, selecionando vários estilos musicais em suas atividades, como mostra Ilari (2002):

Quando o objetivo é aprender a cantar, canções simples são possivelmente mais apropriadas, mas se o objetivo for uma escuta passiva ou, por exemplo, alguma atividade que vise ao aprendizado

da manutenção do andamento, canções e peças de vários estilos podem ser utilizadas, sempre observando a reação dos bebês e de seus pais. (ILARI, 2002, p. 88)

Segundo pesquisas, foi constatado que os bebês que frequentam ambientes musicalmente estimulantes vocalizam mais e apresentam uma coordenação motora mais desenvolvida do que as crianças que não têm acesso a esses ambientes. Os bebês têm a tendência de imitar, são como esponjas, por isso utilizar-se da música cantada e dançada influencia tanto no desenvolvimento da fala quanto no desenvolvimento motor da criança. Ela observa o adulto cantando e dançando e tenta imitá-lo, assim vai amadurecendo seus sentidos, o que influenciará para o processo da fala e afinação motora. O docente pode ampliar seu olhar em relação a esses momentos musicais com as crianças, tornando-os prazerosos. Ao ver a criança esforçando-se em imitar as danças, ritmos e canções, ou até mesmo quando ela bate palmas com o ritmo da música, e sente-se alegre ao ver o adulto dar atenção a ela e proporcionar esse momento de descontração e prazer, o profissional percebe os resultados de seu trabalho e fica satisfeito. As afinidades criadas entre o bebê e o profissional por meio da música é encantador, pois esta une e aproxima tanto as crianças entre si quanto o adulto para com as mesmas (ILARI, 2013).

Conforme o entendimento das autoras desta monografia há momentos da rotina das crianças que podem utilizar-se da música como, no início do dia, na hora do lanche, na hora de dormir, de brincar, de fazer uma roda, de guardar os brinquedos e de lavar as mãos, aonde a música terá um papel específico, de iniciar uma atividade e concentrar as crianças a se mobilizar para tal momento da rotina, inspirando um clima de unidade, em que as crianças se unirão cantando uma canção para dar início a uma determinada atividade, como por exemplo, na hora do lanche há professores que iniciam este momento com a canção do “Meu Lanchinho”. De certa forma, é importante que os professores entendam o objetivo da música de maneira ampla para não utiliza-la somente em momentos específicos da rotina, mas sim incluindo-a em seu planejamento, possibilitando as crianças o contato com a música de forma integral.

Ilari (2003) também apresenta que os ritmos se aprendem com o corpo,

ou seja, dançar e batucar são meios de ensinar o ritmo para as crianças, Para com bebês de sete meses, foi analisado que para aprenderem o ritmo, é necessário que o adulto balance o corpo da criança para que ela aprenda. Desde a barriga da mãe os bebês tem contato com o ritmo, o qual também está presente na rotina do bebê, que não deixa de ser ritmada, pois eles têm e precisam ter horários para todas as atividades, como para a amamentação, para alimentação, hora de dormir, de tomar banho, passear, brincar, etc. Segundo a autora, os ritmos e estilos musicais contrastantes servem para regular a atenção, o comportamento e o humor dos bebês. Ter uma rotina, e trabalhar com a musicalidade tornam os bebês mais calmos, estimula a atenção, deixa-os alegres e com vontade de acompanhar a música de alguma forma, seja com o corpo ou com balbucios. Essas estimulações na infância tornam-se essenciais para o desenvolvimento das crianças, segundo especialistas da neurociência e da psicologia.

Ilari (2002) destaca que:

Um estudo foi feito com bebês de oito meses, através do movimento dos olhos quando mostravam duas imagens diferentes de instrumentos musicais, e constatou-se que os bebês conseguiam associar os sons dos instrumentos com as imagens apresentadas. (ILARI, 2002, p. 86)

A partir deste estudo, as autoras desta monografia compreendem que os bebês são capazes de distinguir sons de diferentes fontes, mesmo que pareçam muito precoces para tal associação. Os professores podem utilizar-se de diversos instrumentos em sua prática, pois os bebês aprendem a identificar as várias fontes sonoras.

Ao tratar-se sobre a relação do docente com os pais ou responsáveis dos bebês, é possível dizer que a ligação entre ambos precisa ser aproximada, para que o professor possa ter a liberdade de orientá-los em alguns aspectos sobre aproximação deles com seus filhos, incluindo então a prática da musicalidade em suas residências. Nesta perspectiva, Ilari (2002) instrui que:

Os pais são os responsáveis pelo incentivo às atividades musicais de seus filhos no dia-a-dia, seja através do canto, da escuta musical passiva e ativa ou, simplesmente, pela criação de ambientes sonoros dentro de casa, durante a rotina da criança. Por esta razão, os programas de educação musical dirigidos aos bebês devem visar

ambos: o ensino dos bebês e o ensino dos pais. Ao educador musical desses programas cabe o preparo das atividades e o incentivo aos pais, para que estes se sintam confiantes em suas vozes e desenvolvam o hábito de cantar com frequência para seus bebês, acompanhados ou não. O preparo das atividades para esses programas pode incluir o ensino e a aprendizagem de canções de ninar e brincar, rimas, parlendas, jogos musicais, sempre acompanhados de movimentos corporais como o balanço ou a dança, apropriados para bebês e seus responsáveis. (ILARI, 2002, p. 88)

Refletindo sobre esta concepção que Ilari (2002) apresenta, as autoras desta monografia percebem que na realidade não há um interesse por parte dos professores em separar um tempo para investir no ensino aos pais sobre como estes podem se aproximar dos filhos por meio da música em sua casa, ao mesmo tempo em que os pais no geral, não procuram buscar novas possibilidades e informações sobre como estes podem trabalhar a música de forma a ajudar no relacionamento com seus filhos, buscando uma maior afetividade e investimento no desenvolvimento comportamental dos mesmos.

Portanto, entende-se que a atuação dos profissionais docentes na música, quando se trata de crianças pequenas é de envolvê-las em um ambiente e atividades musicais que proporcionem interação entre o adulto e o bebê, entre as próprias crianças e entre elas mesmas com o som. A partir disso, entende-se que o aprendizado ocorre entre as trocas de experiências e da curiosidade da criança em explorar as diferentes maneiras de fazer som brincando.

6. A RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A MÚSICA

A família é o principal agente que coloca a criança em seu primeiro contato com a música, sendo assim, o desenvolvimento musical acontece logo de início no próprio ambiente familiar, pois os pais ou outros familiares muitas vezes proporcionam aos bebês diversas experiências sonoras, que acabam favorecendo imensamente para o seu progresso musical. Neste sentido Ilari (2013) mostra que:

O ambiente familiar é fundamental para o desenvolvimento musical das crianças. Os pais são geralmente seus primeiros educadores musicais, já que são responsáveis pela criação do ambiente sonoro em casa, bem como por proporcionar a elas experiências musicais diversas. Em geral, as primeiras experiências musicais das crianças começam mesmo em casa, na companhia de alguém que ouve, canta ou dança. Pode ser uma mãe que sussurra uma canção enquanto amamenta seu bebê, uma babá que dança com a criança ao som do último *hit* de Ivete Sangalo, uma avó que embala o neto entoando uma canção de Frank Sinatra ou um menino pequeno que segura um cabo de vassoura e imita seu pai cantando um *rock*. Todos esses exemplos cotidianos mostram a força que o ambiente familiar exerce sobre o desenvolvimento musical das crianças. A música é claramente uma forma eficaz de comunicação, interação e transmissão de afeto entre pais e filhos. (ILARI, 2013, p. 27-28)

Diante deste ponto de vista é possível destacar que a música pode estar presente na vida do bebê desde muito cedo, mesmo quando a família não possui nenhum contato profissional ou exerce a prática de qualquer tipo de instrumento musical. Sabe-se que o primeiro contato que o bebê tem com a musicalidade é diretamente em casa, por meio dos pais ou pessoas que cuidam dela, a partir disso, ao atribuir a música como uma realidade constante no âmbito familiar, o bebê conforme vai se desenvolvendo e crescendo, percebe o quão importante é a música. Os familiares que exercem este tipo de costume procuram a todo o momento passar para a criança afeto, amor, carinho, tranquilidade e até mesmo diversão, pois a música é vivenciada em cada família de maneiras únicas, com uma cultura musical específica. Utilizar a música como forma de interação e comunicação com os bebês é sem dúvida, um ato que precisa ser levado em consideração em todas as famílias. (ILARI, 2013).

Ao tratar-se sobre a cultura familiar é possível perceber que cada família utiliza-se da música de uma forma e isso é transmitido à criança, que irá repetir

esse comportamento. Por exemplo, em nossa cultura brasileira utilizamos uma música para casamentos, outra para aniversário. Ilari (2013) mostra que "A cultura exerce um papel fundamental nos repertórios que escolhemos para ouvir, tocar ou cantar" (ILARI, 2013, p. 28). Assim, refletindo sobre esta questão, as autoras desta monografia entendem que costumes musicais são passados de geração para geração e muitas vezes inconscientemente, cultivando as culturas regionais dentro das próprias famílias. Quando estes costumes são conservados a identidade cultural se mantém.

Além disso, Ilari (2013) ressalta que:

[...] os sons agudos constituem uma espécie de trilha sonora da infância, já que são os preferidos de bebês e crianças das mais diversas culturas. Repare como uma mãe ou um irmãozinho fala com um bebê. Normalmente eles utilizam uma voz mais aguda, pausada e suave, que muitos teóricos chamaram de *mamanhês* ou *baby talk*. Já foi comprovado que isso acontece em diversas culturas do mundo; bebês europeus, asiáticos, africanos e americanos gostam dessa forma de falar e a reconhecem como sendo distinta de uma conversa de adultos. O mesmo acontece com o canto dirigido a um bebê ou criança pequena: a voz retorna mais emotiva, mais doce e até os gestos de quem canta mudam. O mais interessante disso tudo é que os bebês parecem gostar desse modo de cantar. (ILARI, 2013, p.36)

Segundo o ponto de vista das autoras desta monografia a partir da citação de Ilari (2013), quando os adultos se dirigem a uma criança, espontaneamente utilizam-se de uma voz mais aguda, doce e suave, com um intuito de chamar a atenção do bebê, acreditando que o mesmo esboce alguma reação, como dar risada, gritar, balbuciar ou movimentar-se. Este costume está presente nas mais diversas culturas, como algo mundial.

No artigo "*O manhês: costurando laços*" de Pierotti, Levy e Zornig (2010) é destacado a importância da musicalidade da voz materna e os diferentes tipos de comunicação não-verbal. Nesse sentido, a presença da voz materna é essencial no início da vida do bebê, pois promove um contato mais próximo entre a mãe e o filho. As autoras apresentam o pensamento de Golse e Desjardins (2005), em que comentam essa questão afetiva entre a mãe e o bebê, dizendo que, ao mesmo tempo em que a voz materna toca e afeta significativamente a criança, as primeiras emissões vocais da mesma tocam e afetam a mãe. Além disso, as autoras enfatizam que a voz materna é o primeiro elemento sensorial ao qual a criança tem acesso, citando então Catão

(2008) que explica o manhês como um “convite” à criança para que entre nesse campo da linguagem, considerando a voz materna como uma música. Portanto, é de suma importância que o adulto esteja em um bom estado emocional e tenha empatia para com o bebê, utilizando-se da linguagem manhês para o afeto e aproximação entre os mesmos.

Ilari (2013) enfatiza que por mais que a cultura seja um fator importante que possibilitará o contato da criança com a música, a questão essencial são os valores que os pais atribuem a ela. A partir da importância que os pais e familiares dão à musicalidade no ambiente familiar, as crianças conseqüentemente também valorizarão as práticas musicais em seu dia a dia. Muitas vezes os pais acreditam que para proporcionar um clima musical em casa, necessitam ser um profissional ou entendedor da área da música, mas isso não é um pré-requisito para exercer essa atividade. Como já mencionado no início deste capítulo, o propósito dos momentos musicais entre pais e filhos é de afeto, amor, carinho, tranquilidade e até mesmo diversão. As autoras desta monografia percebem que essa troca pode ser proporcionada das maneiras mais simples e acessíveis, como por exemplo, o ato de cantar e dançar com uma música tocada ao fundo ou apenas utilizando a voz e gesticulando, produzir sons com objetos variados (latas, potes, garrafas, tampas, caixas) ou com instrumentos infantis de brinquedo das próprias crianças, dançar com tecidos, cabo de vassoura, chapéu, peruca ou chocalho. Utilizar-se de objetos como meios musicais é essencial, porém, o que será mais significativo e enriquecedor é o contato do adulto com a criança nesses momentos, como cita Ilari (2002), o canto dirigido à criança é importante para seu desenvolvimento e para a interação entre o bebê e seu responsável. Sendo assim:

[...] é importante cuidar do ambiente sonoro que envolve a criança - da escolha ao uso do repertório. Vale lembrar que não há CD, DVD ou brinquedo musical mágico que seja capaz de transmitir o afeto presente na voz e no gesto de um pai, de uma mãe, de uma vovó, de um irmão ou de uma cuidadora quando cantam, dançam e usam a música como forma de comunicação e divertimento juntamente com a criança. (ILARI, 2013, p. 30)

Aos dois meses de idade, a vocalização inicial do bebê ocorre a partir de seu padrão respiratório, evoluindo para sons fônicos prolongados. Seus

primeiros sons melódicos vocais acontecem por meio de vogais. Nesse processo, a fala dos pais “[...] direciona, de forma intuitiva, a vocalização dos bebês [...]” (PARIZZI, 2006, p. 41). Parizzi continua suas afirmações com base na concepção de Hanus Papousek (1996), o qual diz que os sons manifestados pelas crianças são expressões de mudanças de humor das mesmas, representando seu desenvolvimento cognitivo, levando-as a brincadeiras vocais e mais adiante à aquisição da fala. Essas modulações melódicas permanecem mesmo depois da fala, e são incentivadas intuitivamente por pais e cuidadores. A partir dos quatro meses de idade, a criança inicia um “jogo exploratório”, expandindo seu conhecimento vocal, assim como descreve Parizzi (2006):

Ele passa a ser capaz de produzir consoantes (utilizando o trato vocal superior), de brincar com a voz, utilizando alturas, intensidades e timbres diferentes (Papousek, M., 1996, p. 104). Essa fase é particularmente relevante em relação às competências musicais iniciais da criança, pois envolve sua capacidade criativa intrínseca. Segundo Moog (apud Swanwick, 1998, p. 59), o “balucio musical”, típico dessa fase, está relacionado ao fascínio da criança pelo som e ao prazer de dominá-lo e de controlá-lo. Nesse período os bebês parecem usar sua voz como seu brinquedo favorito e passam a ser capazes de repetir sons descobertos por acaso e de repetir ou modificar com alegria, sua própria produção vocal (Papousek, M., 1996, p. 105). Os balucios dos bebês nessa fase são caracterizados por “glissandos microtonais”, que percorrem suavemente uma extensão melódica (Sloboda, 1985, p. 200), e pelo fato de “não guardarem relação de altura ou de ritmo com o repertório musical tocado em casa” (Moog, 1976, p. 62, tradução minha).” (PAPOUSEK, MOOG e SLOBODA, apud PARIZZI, 2006, p.41)

Ainda segundo Parizzi (2006), pais e cuidadores participam desse jogo vocal, imitando os sons produzidos pelos bebês e fornecem modelos vocais com diferentes intensidades, alturas e timbres, os quais são interiorizados pela criança, contribuindo na construção de memórias e na formação da identidade do indivíduo. Este jogo, continua durante a fase do desenvolvimento vocal do bebê, tornando-se um elemento relevante na fala e na capacidade de cantar.

A fase dos sete meses de idade é o momento em que se desenvolve a fala da criança, sendo constante os “balucios canônicos” que seria a repetição de sílabas, como “mamama e dadada”, repetindo-se até mais ou menos os onze meses de idade. Locke (1990) “[...] afirma que essas sílabas canônicas são comuns a todas as línguas do mundo e representam as “unidades mínimas

rítmicas e universais” de todas as línguas faladas.” (LOCKE, apud PARIZZI 2006, p. 42). Neste processo, pais e cuidadores utilizam-se da repetição de sílabas ritmicamente regulares por meio de melodias e não pela fala, desta forma:

Moog (apud Sloboda, 1985, p. 201), constatou que bebês a partir de sete ou oito meses de idade, ao serem estimulados pela audição de obras vocais e instrumentais, costumam reagir a este estímulo sonoro balançando o corpo de um lado para o outro, quando assentados, e movimentando-se para cima e para baixo, se estiverem de pé. (PARIZZI, 2006, p. 42)

Os sons produzidos pelos bebês nessa fase vão se transformando em palavras e após completarem um ano de idade, a vocalização dos mesmos podem tomar dois caminhos, sendo eles a fala e o canto. Por isso, é importante que os pais ou responsáveis brinquem com as crianças por meio da música de forma prazerosa, pois como já visto nos capítulos anteriores, a música é uma ferramenta que também pode ser utilizada para o desenvolvimento das crianças.

7. METODOLOGIA

As autoras desta monografia buscaram compreender o papel da música na primeira fase da vida e quais são as influências que os pais e os professores têm neste processo. Por estarem envolvidas com a educação infantil e ter fácil acesso às informações que precisavam para esta pesquisa, houve bons motivos para continuar com o desejo de aprofundamento neste tema.

Pelo fato de uma das autoras já atuar em um berçário desde 2016 e de ter o contato direto com pais e professores que são responsáveis por bebês com a faixa etária de quatro meses a um ano e oito meses de idade, que é o foco principal desta monografia, facilitou-se ainda mais o acesso aos dados para a realização da mesma. Sendo assim, optou-se por realizar observações para melhor analisar o contato das crianças com a música e suas reações com sons e instrumentos (tanto percussivos como objetos recicláveis) para desenvolver este trabalho.

7.1. PESQUISA DESCRITIVA

Segundo Cervo e Bervian (1983) a pesquisa descritiva tem por objetivo observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos variáveis sem manipula-los, buscando descobrir “a frequência com que tal fenômeno ocorre sua relação e conexão com outros, sua natureza e características”. (CERVO, BERVIAN, 1983, p. 55). Nesta perspectiva, para ter uma maior aproximação com a realidade desejava-se fazer observações e buscar informações que permitissem compreender essa relação da música no cotidiano da família e da escola.

7.1.1. ESTUDO DE CASO

Estudo de caso “É a pesquisa sobre um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade para examinar aspectos variados de sua vida.” (CERVO, BERVIAN, 1983, p. 57). A partir desta ideia, foi analisada a realidade de um

berçário em uma escola de educação infantil da região de Curitiba. Especificamente, a observação teve um foco principal nas reações dos bebês com a música e da prática e intervenções dos professores.

Para este fim, realizadas observações por meio de filmagens, anotações e questionários que auxiliaram ao longo desta pesquisa para uma aproximação mais significativa à temática deste trabalho. Ao longo das observações percebeu-se a dificuldade de realizá-las no campo de trabalho, pois são muitas crianças que necessitam de atenção e cuidado constante. Porém, apesar desta dificuldade foi possível realizar as filmagens em alguns momentos e observar as reações das crianças em contato com sons.

Além das observações, foram aplicados questionários com pais, professores e os outros funcionários da escola o que trouxe informações específicas sobre o que pensam e como agem, buscando entender a perspectiva que predomina no cotidiano dos mesmos.

8. APROXIMAÇÃO COM O CAMPO EMPÍRICO

Com o objetivo de buscar não somente a base teórica fundamentada em referenciais bibliográficos, optou-se por entender como a realidade se mostra em relação ao tema desta monografia. Sendo assim, tinha-se a possibilidade de ir a campo buscar as informações que eram necessárias a complementar esta pesquisa, tornando-a mais significativa, aproximando então a teoria com a realidade das crianças, profissionais de educação e dos pais ou responsáveis.

Desta maneira, optou-se por desenvolver observações que pudessem enriquecer esta pesquisa. Este estudo de campo foi realizado somente por uma das autoras por já trabalhar na instituição, assim as observações foram feitas no horário de trabalho da mesma, por ser o único tempo disponível para a realização desta pesquisa. Portanto, a própria pedagoga da instituição deu a possibilidade de desenvolver observações em vídeos. A partir dessa primeira conversa deu-se início as filmagens, foi possível filmar dois momentos sendo eles: o primeiro foi o contato das crianças com um instrumento (violão) e o segundo foi disponibilizar materiais recicláveis para analisar a reação das crianças.

Realizar essas observações por meio de vídeos possibilitou que as autoras desta monografia pudessem analisar e discutir em conjunto as diferentes percepções desses recortes da realidade, o que tornou essa pesquisa mais significativa.

8.1. O LOCAL E PROCESSO DE PESQUISA – CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO

A pesquisa de campo foi realizada na Escola X² numa região da cidade de Curitiba no bairro Rebouças, conveniada com a prefeitura e que segue uma educação por princípios cristãos. Trata-se de uma escola de educação infantil de pequeno porte que atende famílias de classe baixa e média, composta por 99 crianças no total, de faixa etária de quatro meses a cinco anos de idade (Berçário I, Berçário II, Maternal A, Maternal B, Pré I e Pré II). O funcionamento desta instituição ocorre desde o ano de 2009.

O terreno onde a escola está situada atualmente era ocupado somente por uma casa. Ao longo dos anos foi sendo ampliada com mais salas para comportar todas as turmas de educação infantil. Hoje a escola possui seis salas (uma de cada turma), secretaria, sala de direção, sala para a pedagoga, sala dos professores, uma sala de amamentação, biblioteca, três banheiros para as crianças, dois para os adultos, lavanderia, três parques (areia, grama e um com brinquedos como: escorregador, balança, casinha, etc.), quadra esportiva, cozinha, refeitório, despensa, sala de ferramentas e sala de materiais para atividades.

O local de observação foi o Berçário I, com um total de vinte crianças que dispõem de uma sala ampla dividida em sete espaços, que são: uma área de alimentação, um trocador, uma minicozinha, uma área onde se encontram os berços, dois espaços para as crianças brincarem e um solário. Essa sala caracteriza-se por ser colorida, ter muitos brinquedos, livros para manusear, espelho grande na parede e espaço livre para as crianças se movimentarem.

8.2. OS SUJEITOS DA PESQUISA – PROCESSO DE OBSERVAÇÃO

As observações a princípio, foram estabelecidas para serem feitas nas sextas-feiras por ser um dia em que há menos crianças na sala. Porém foram utilizados outros dias da semana para realizar as filmagens. Na primeira uma professora da sala auxiliou no processo de filmagem, já na segunda uma das

² Nome fictício dado à escola pesquisada na região de Curitiba.

autoras desta monografia filmou e interagiu com as crianças sozinha. Encontraram-se alguns obstáculos para efetuar a quantidade de observações estipuladas, como já citado anteriormente. Desta forma, foram realizadas filmagens em períodos nos quais houve a disponibilidade de outras professoras para auxiliarem no processo.

No decorrer das observações percebeu-se como as crianças têm fascínio pelo som que os objetos fazem ao manuseá-los. Por este motivo as mesmas adquirem uma maior concentração ao som reproduzido tanto quando o professor mostra algum som por meio de objetos ou quando outras crianças descobrem um som brincando.

8.3. AS FORMAS DE REGISTROS

Para que as duas autoras desta monografia tivessem acesso à realidade das experiências das crianças do berçário com os sons, achou-se necessário realizar observações em vídeo. Esta forma de registro foi indicada pela própria pedagoga da instituição pesquisada. Essa ideia foi bastante válida, pois possibilitou um acesso em conjunto das duas autoras na reflexão sobre o tema desta pesquisa.

As filmagens foram feitas em dois dias, uma no mês de maio e a outra no mês de junho com uma média de duração de dois a quatro minutos, autorizada pela instituição para a realização das mesmas. Além das filmagens foram registradas situações corriqueiras consideradas mais significativas, onde as crianças tinham o contato com os sons ou o produziam de alguma forma, analisando assim o comportamento das crianças em momentos que se encaixasse com o objetivo desta pesquisa.

8.4. A SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Assim que as observações em vídeo foram feitas, as autoras desta monografia fizeram a transcrição dos momentos filmados para que as mesmas analisassem em conjunto as reações dos bebês com o som. Antes de fazer a análise dos vídeos, optou-se por pesquisar autores de artigos, teses e livros que se aprofundaram no tema pesquisado deste trabalho. A partir disso, a

teoria direcionou o objetivo das observações feitas.

Para além das filmagens, foram consideradas experiências cotidianas que não estavam programadas para as observações. Os vídeos foram de extrema importância para a discussão deste trabalho, porém, as experiências que ocorreram durante o ano de 2017 foram bastante enriquecedoras e significativas, de modo a contribuir para uma visão mais ampla sobre o objetivo da pesquisa. Com este material, buscou-se compreender como as crianças reagiriam ao terem contato com um instrumento musical e com os sons que os objetos recicláveis podem produzir.

Outra forma da sistematização dos dados foi a utilização de questionários para pais, professores e funcionários da escola analisada. O intuito destes foi de coletar informações que ajudassem a entender a realidade das crianças com a música.

Após a coleta dos dados por meio das filmagens, experiências do dia a dia, das informações dos questionários e da fundamentação teórica, buscou-se um panorama mais completo da realidade da música na escola e na família. Em seguida, foi feita uma seleção dos fatos mais relevantes, para que assim a discussão sobre o tema pesquisado fosse ampliado.

9. CRIANÇAS E SUAS MÚSICAS: UMA DISCUSSÃO ENTRE A LITERATURA E O CAMPO EMPÍRICO

Neste capítulo serão abordados os momentos considerados mais relevantes que foram filmados e registrados pela Mariana³ com as crianças na escola pesquisada e o que a literatura diz sobre a musicalidade na infância. O intuito é de relacionar a realidade observada com o que foi desenvolvido nesse trabalho. Assim como Cervo e Bervian apresentam a pesquisa descritiva que “Procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características” (CERVO, BERVIAN, 1983, p. 55).

A primeira observação realizada na escola com as crianças foi no dia nove de maio de 2017, neste dia uma das autoras desta monografia levou um violão para o berçário com o objetivo de analisar a reação dos bebês com a presença do instrumento em sala. A partir disso, foi observado que:

O primeiro vídeo mostra a tentativa de proporcionarmos aos bebês uma experiência com um instrumento, no caso o violão. O que imaginou-se foi que a Mariana sentaria com as crianças em roda, pegaria o violão e elas cantariam e bateriam palmas junto com a música, mas não foi bem isso que aconteceu. As crianças estavam interessadas no instrumento, em conhecê-lo, tocá-lo, e não com o som que ele faz. Mexeram nas cordas tentando tocar como ela, percebendo o som. Por mais que as crianças não estivessem concentradas no som do violão, elas quiseram conhecer o próprio instrumento, o que ele tem e como funciona. Então, as crianças que andam tocaram-no, já as que sentam somente ouviam e observavam. No entanto, a Mariana permitiu que todas as crianças tivessem o contato com o violão. (SPISILA, ONGARO, 2017, p. 01)

Segundo a perspectiva de Ilari (2003) é importante que a criança tenha o contato com diferentes fontes musicais, como instrumentos, reconhecimento de canções, jogos musicais, rimas e parlendas com gestos, encenação de cenas musicais e cantos espontâneos. Essas diferentes atividades irão proporcionar para as crianças uma ampliação de repertório e despertar a curiosidade das mesmas. “Todas essas atividades são benéficas e podem contribuir para o bom desenvolvimento do cérebro da criança.” (ILARI, 2003, p. 14).

Por volta de um mês depois, Mariana levou o violão novamente para o

³ Uma das autoras desta monografia que trabalha no berçário da escola pesquisada.

berçário, porém não foi possível a realização de filmagem por ter menos professoras em sala. Desta forma, “Algumas crianças ainda queriam mexer no violão, mas teve uma criança, a Antônia⁴ (de um ano e sete meses), que bateu palma e balançou seu corpinho de um lado para o outro enquanto Mariana estava tocando a música.” (SPISILA, ONGARO, 2017, p. 01). Refletindo sobre este momento, percebe-se que no primeiro contato com o violão, as crianças apresentaram uma curiosidade, pois queriam conhecer o instrumento, tocando-o, mexendo nas cordas e batendo-o, o que foi muito significativo, pois demonstraram interesse em conhecer o instrumento. Já no segundo momento, poucas crianças tiveram a iniciativa de tocar no violão, uma delas (Antônia, que é uma das mais velhas da sala) teve uma reação diferente. Ela bateu palma e quis dançar e cantar junto com a música.

No segundo vídeo que foi feito no dia dez de junho de 2017, Mariana filmou os bebês manuseando potes e tampas de margarina, doce, potes grandes para guardar açúcar e arroz e copos de plástico. Eles já tinham tido contato com esses materiais, então não era uma novidade para eles, mas queríamos observar suas reações e comportamentos para o nosso estudo. Assim:

Gisele⁵ (de um ano e sete meses) estava andando com um copo plástico e uma tampa na mão, batendo um no outro, o que produziu um som. Muitos deles pegaram um ou dois desses objetos e ficaram segurando. Alguns seguraram e andaram com eles, outros seguraram e ficaram observando, tocando-os. [...] Peguei um dos potes grandes e comecei a bater nele, para observar qual a reação das crianças depois de Mariana ter apresentado um modelo do que se poderia fazer com o pote. Então, André (de um ano de idade) começou a bater no mesmo pote que Mariana estava batendo, depois pegou uma tampa redonda plástica que estava ao lado, colocou-a em cima desse pote em que estávamos batendo e começou a batucar em cima dessa tampa. Logo em seguida, saiu de perto do pote e foi até a Gisele, que tinha conseguido fechar o copo com a tampa sozinha. Acho que isto deve ter chamado sua atenção, e então foi saciar sua curiosidade. Nesse mesmo instante, João⁶ (de 11 meses) pegou duas tampas grandes e estava batendo-as uma na outra, emitindo um som. Depois ele largou essas tampas e foi pegar outras. Agora uma pequena de margarina e uma grande de arroz e começou a batê-las também. O som emitido foi diferente, e ele estava se divertindo com isso. (SPISILA, ONGARO, 2017, p. 01, 02)

Pode-se relacionar essa situação com a descrição de Lino (2010) sobre

⁴ Nome fictício dado ao bebê analisado para preservar a identidade do mesmo.

⁵ Nome fictício dado ao bebê analisado para preservar a identidade do mesmo.

⁶ Nome fictício dado ao bebê analisado para preservar a identidade do mesmo.

o ato de barulhar, que seria “[...] de fazer barulho, de sonorizar sem prévia sistematicidade e determinação – expressa toda uma sensibilidade que em sua dimensão primeira é de um corpo em contato com o real.” (LINO, 2010, p. 84). Ao refletir sobre esta filmagem e sobre o que Lino (2010) diz em relação ao barulhar entende-se que esses momentos são importantes para que a criança explore novos sons a partir de objetos que são de fácil acesso.

Ao tratar sobre as reações dos bebês com a musicalidade, é possível citar uma experiência de Mariana no berçário:

A professora regente algumas vezes pega uma caixa com o nome "Bandinha" onde há vários instrumentos, como chocalhos, pandeiros, flautas, tambores, etc. As crianças gostam muito de explorar esses instrumentos sempre os pegam e balançam com as mãos para ouvirem o som. Uma vez tive a oportunidade de estar com eles com a "Bandinha". Então, à medida que eu cantava, explorava os instrumentos com eles. Toquei todos um pouco no ritmo da música, falando o nome de cada instrumento. Alguns bateram palmas, mas a Laura⁷ teve a iniciativa de pegar um instrumento e tocar comigo. Ela gosta muito de música também, demonstra isso com seu sorriso, seu olhar e seus gestos, tentando me imitar na dança da música. (SPISILA, ONGARO, 2017, p. 02)

Relacionando esta experiência com a concepção de Ilari (2013), pode-se dizer que ao proporcionar momentos musicais com os bebês, estes devem possibilitar a sensibilidade e a receptividade da criança aos diferentes tipos de sons que existem ao seu redor.

Vale ressaltar que o berçário observado já tem a música como algo constante em seu cotidiano e em sua rotina. As próprias professoras da sala buscam a música como um meio tanto de acalmar as crianças, quanto para o desenvolvimento cognitivo e motor. Para compreender melhor o pensamento das professoras da sala do berçário analisado, optou-se pela realização de questionários para um melhor entendimento da visão das professoras sobre a música com os bebês, relacionando essas informações com a fundamentação teórica deste trabalho.

Os questionários foram entregues para todas as professoras da sala, exceto a Mariana, totalizando então em seis questionários. Destes, somente duas professoras responderam, tendo em mãos duas concepções diferentes

⁷ Nome fictício dado ao bebê analisado para preservar a identidade do mesmo.

para serem analisadas. Em uma das questões perguntou-se “*Você considera a presença da música algo importante no berçário? Por quê?*” e elas responderam:

- Professora Ana⁸: “Sim, ajuda a criança a desenvolver sua fala, pois tentam cantar a música. A psicomotricidade nas danças e ritmos. Coordenação motora quando imitam a professora dançando”.
- Professora Beatriz⁹: “Sim, para o desenvolvimento e auxilia na coordenação motora”.

Na questão seguinte perguntou-se “*Como você utiliza-se da música para interagir com os bebês?*” e elas responderam:

- Professora Ana: “Cantando, expressão, gestos, danças. Ensinando a eles movimentos de acordo com o ritmo, com alguns instrumentos musicais. (Bandinha, objetos recicláveis)”.
- Professora Beatriz: “A música muitas vezes é usada para acalmar as mesmas em momentos de choro na sala”.

Ao analisar as respostas das professoras, percebe-se que ambas consideram a música como algo importante no desenvolvimento dos bebês, mas cada uma possui sua perspectiva em relação ao tema. A professora Ana demonstra em sua resposta a importância do estímulo musical para desenvolver movimentos. Já a professora Beatriz, busca com a música acalmar o ambiente. Desta forma, ao buscar nos referenciais teóricos informações sobre a importância dos profissionais docentes utilizarem-se da música com os bebês, destaca-se Ilari (2003) que afirma que os professores precisam estabelecer práticas musicas, aperfeiçoamentos, envolvimento com a ludicidade, exploração com o mundo sonoro e repertórios musicais diferenciados que tornarão o trabalho mais significativo. Comparando a realidade estudada com a afirmação de Ilari, viu-se que estas práticas são vistas no berçário pesquisado, por trabalhar os sons e a música de formas diferentes, como por exemplo, disponibilizam para os bebês latas, potes,

⁸ Nome fictício dado a Professora do berçário I analisado que ainda não concluiu a graduação em Pedagogia.

⁹ Nome fictício dado a Professora do berçário I analisado que concluiu o magistério.

garrafas com miçangas, cd's com músicas variadas, chocalhos e uma “bandinha” (com diversos instrumentos de brinquedo).

Além das professoras, foram também distribuídos questionários para alguns funcionários da escola, como a zeladora, o funcionário que cuida da manutenção da escola e a secretária¹⁰. Destes, somente a secretária entregou o questionário respondido. Dentre as perguntas, destaca-se três mais relevantes, sendo elas: *“Você considera a presença da música como um aspecto importante na escola? Justifique.”*

- Secretária: “Sim, pois estimula a linguagem, o cognitivo e o corpo”.

“Você percebe a presença da música na escola onde trabalha?”

- Secretária: “Sim, todas as turmas ouvem músicas, até o berçário I, que são os menores, sempre estão ao ritmo de alguma música, dançando, batendo palmas ou balbuciando”.

“Você acredita que a música possui pontos positivos na aprendizagem do bebê? Quais?”

- Secretária: “Sim, na linguagem a criança ouve e tenta repetir o que ouviu; no cognitivo faz a relação entre o animal e o som (latido, bramido, miado); e corpo pulando, dançando e até seguindo uma coreografia”.

A partir das respostas obtidas da secretária, percebe-se que a mesma entende que a música é significativa e essencial na prática com as crianças e que possui uma boa percepção do que acontece nas salas. Os pais também foram importantes para a realização desta pesquisa e por isso foram distribuídos quatorze questionários para cada um deles a fim de investigar como a música é vivenciada nas famílias. Diante disso, foi constatado que todos gostam de ouvir música com o seu bebê, cantam e dançam juntos e que as reações dos bebês por meio da música são risos, dançam, batem palmas, cantam, ficam calmos e tranquilos, se alegram, dormem ou não fazem nada, só escutam.

¹⁰ Esta secretária trabalha na recepção da escola, cuida da parte administrativa e está cursando Pedagogia.

Neste questionário, consideraram-se duas questões mais importantes para serem descritas neste trabalho, sendo elas: “*Você acha que a interação do bebê com a música é importante? Por quê?*” A maioria dos pais responderam que a música auxilia no desenvolvimento do bebê. Dentre algumas respostas destacam-se:

- “Sim, Porque desenvolve a reflexão motora, coordenação, percepção auditiva, trabalha os sentimentos”.
- “Sim. Imagino que poderão aprender palavras”.
- “Sim, o ambiente fica muito mais alegre, feliz, descontraído”.
- “Sim. A música tanto para o bebê, como para os adultos permite o relacionamento, a descontração, a diversão, a lembrança de sentimentos e situações já vividas, etc.”

Diante das respostas dos pais, percebe-se que eles são sensíveis à influência que a música pode trazer para o desenvolvimento de seus filhos, tendo ciência da importância que a musicalidade pode proporcionar tanto na escola, quanto na família, além disso, eles veem a música como uma forma de brincar e como um momento de prazer com seu filho, diferentemente do relato das professoras e da funcionária da escola que possuem uma perspectiva mais pedagógica e não somente lúdica. Assim, ao relacionar a fala dos pais com o que foi pesquisado para compor o capítulo “*A relação da família com a música*”, pode-se citar a concepção de Ilari (2013) quando diz que:

Os pais são geralmente seus primeiros educadores musicais, já que são responsáveis pela criação do ambiente sonoro em casa, bem como por proporcionar a elas experiências musicais diversas. Em geral, as primeiras experiências musicais das crianças começam mesmo em casa, na companhia de alguém que ouve, canta ou dança. (ILARI, 2013, p. 27)

Portanto, entende-se que quando os pais, cuidadores ou responsáveis utilizam da música em seu dia a dia com o bebê, ele demonstrará gosto pela música, refletindo esses costumes na escola, tornando os momentos mais prazerosos.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia é o resultado de uma pesquisa que propôs estabelecer um estudo sobre os benefícios que a música pode trazer para o desenvolvimento infantil. Desta forma, pode-se afirmar que esta pesquisa alcançou um bom resultado no que se refere ao destaque dado à importância que a musicalidade tem para a vida do bebê, além de indicar algumas possibilidades que a música dispõe que são conceituadas como significativas e relevantes para o crescimento do bebê, assim como também sugere práticas alternativas e melhorias que podem ser alcançadas para um bom desempenho e execução no ambiente de ensino aos profissionais educadores que atuam na educação infantil, em especial no berçário.

O estudo aqui apresentado ampliou-se em novos olhares para que a inserção da educação musical esteja implantada cada vez mais na rotina dos bebês, dos professores e também dos pais ou responsáveis/cuidadores como algo positivo, que pode ser vista como uma maneira de auxiliar para a evolução do bebê.

Neste sentido, ao buscar referências bibliográficas que englobam toda essa relação da importância da música para o desenvolvimento infantil, houve uma autora em particular que deu maior ênfase para este trabalho. *Beatriz Ilari* obteve um destaque por apresentar estudos aprofundados na área da musicalidade na infância e por apontar alguns resultados que são obtidos ao utilizar-se da música como uma ferramenta capaz de transformar e cooperar para o comportamento e funcionamento motor, físico, psicológico e social do bebê. Lendo o livro "*Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados*" de Ilari (2013), tivemos outra perspectiva da importância da música tanto para a prática no berçário, quanto em como aplicá-la, pois, tendo o entendimento do vínculo, do afeto, e de como a criança pode se desenvolver a partir dela, a sua prática fica muito mais sensibilizada e nos entregamos mais aos gestos e ao olhar às crianças, o que as influencia para uma maior atenção à música e levando-as a imitar o profissional nos gestos e nos ritmos, acrescentando muito para o desenvolvimento psicológico, emocional e motor da criança, como foi descrito nos capítulos deste trabalho.

Ao desenvolver esta monografia concluímos que somente colocar uma

música no rádio não irá estimular ou despertar na criança interesses, sentimentos, conhecimento tanto quanto a apresentação que o adulto faz da música para a criança. Seus gestos, sua alegria ao estar dançando e cantando a música irá despertar na criança o desejo de cantar e dançar. O que será muito mais significativo.

Pudemos experimentar a teoria na prática, em nossa experiência de campo, analisando os pais, as crianças, funcionários e professores. O trabalho com a música pode ter diversas perspectivas e objetivos, e como no berçário geralmente há mais de uma professora, as perspectivas podem se completar e cada um exercer seu papel com o que acredita que a música pode proporcionar. Ao mesmo tempo em que é importante que o profissional se aproprie do conhecimento de diversas formas de utilizar a música para o momento oportuno.

É encantador saber que o professor ou pais podem, a partir de materiais acessíveis, produzir sons, e que as crianças são muito curiosas e sensíveis a isso, e que elas mesmas criam brincando as oportunidades de descobrirem novos sons, seja batendo potes, batendo objetos em uma estante ou mesmo no chão, enfim, elas descobrem e analisam os sons que produzem, e o adulto pode proporcionar esses momentos e materiais para eles. Portanto, a realização desta pesquisa monográfica despertou em nós um desejo maior de atuar na educação infantil, sabendo das diferentes possibilidades que existem para se trabalhar com a música e das positivities que a mesma traz para o desenvolvimento da criança.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem. **ESPECIFICIDADES DA AÇÃO PEDAGÓGICA COM OS BEBÊS. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO** – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica**. Brasília: 1996.

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. – 10. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 46 p. – (Série legislação; n. 130)

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários [por] Amado Luiz Cervo [e] Pedro Alcino Bervian**. 3. Ed. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COSTA, Simone da Silva. **LINGUAGEM MUSICAL: a importância da música na Educação Infantil**. Campina Grande - PB, 2015.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira. **TEXTO 1 EDUCAÇÃO MUSICAL E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL**. Salto para o futuro; Educação Musical Escolar. Ano XXI Boletim 08 - Junho 2011.

FILIPAK, Renata; ILARI, Beatriz. **MÃES E BEBÊS: VIVÊNCIA E LINGUAGEM MUSICAL**. MÚSICA HODIE / Vol. 5 – Nº 1 – 2005.

ILARI, Beatriz. **Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 7, 83 - 90, set. 2002.

ILARI, Beatriz. **A música e o cérebro: algumas implicações do**

neurodesenvolvimento para a educação musical. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 9, 7-16, set. 2003.

ILARI, B. **A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigações, fatos e mitos.** REM – Revista eletrônica de musicologia, Paraná, v.9, n.1, p.1-8, 2005.

ILARI, Beatriz. **Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados** / Beatriz Ilari. - Curitiba: InterSaberes, 2013. - (Série Educação Musical).

KOCH, Jacqueline Elise. **BERÇÁRIO: UM LUGAR PARA O INÍCIO DA MUSICALIDADE.** Florianópolis 2012.

LINO, Dulcimarta Lemos. **BARULHAR: a escuta sensível da música nas culturas da infância.** Porto Alegre, 2008.

LINO, Dulcimarta Lemos. **Barulhar: a música das culturas infantis.** Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 24, 81-88, set. 2010.

MARTINS, Maria Audenôra das Neves Silva. **Cantigas de roda: o estético e o poético e sua importância para Educação Infantil.** Curitiba, PR: CRV, 2012.

MORAIS, Ana de Fátima. **ATIVIDADES LÚDICAS NO BERÇÁRIO.** Campina Grande – PB, 2012.

MOREIRA, Ana Claudia; SANTOS, Halinna; COELHO, Irene S.; **A MÚSICA NA SALA DE AULA - A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO.** UNISANTA Humanitas – p. 41-61; Vol. 3 nº 1, (2014).

MUSZKAT, Mauro. **Música, neurociência e desenvolvimento.** In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; et al. (coord). A Música na Escola. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 64-79.

PARIZZI, Maria Betânia. **O canto espontâneo da criança de zero a seis anos: dos balbucios às canções transcendentais.** *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 15, 39-48, set. 2006.

PIEROTTI, Mariana Moreira de Souza; LEVY, Lidia; ZORNIG, Silvia Abu-Jamra; **O MANHÊS: COSTURANDO LAÇOS.** *Estilos da Clínica*, 2010, 15(2), 420-433.

ROMANELLI, Guilherme. **Antes de falar as crianças cantam! Considerações sobre o ensino de música na Educação Infantil.** *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v. 17, n.3, p. 61-71, Setembro/Dezembro 2014.

SILVA, Caroline Limonge e BOUFLEUR, Emne Mourad Boufleur. **MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REFLEXÃO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.** *Revista Magsul de Educação da Fronteira, Faculdades Magsul*, v. 2, n. 1, p.48-70, Mar. 2017.

SPISILA, Bianca e ONGARO, Mariana Gomes. **Transcrição das filmagens da pesquisa em campo empírico (1).** Dia 09 de maio de 2017, às 15:15 da tarde. Material não publicado. Curitiba: 2017.

SPISILA, Bianca e ONGARO, Mariana Gomes. **Transcrição das filmagens da pesquisa em campo empírico (2).** Dia 10 de junho de 2017, às 15:00 da tarde. Material não publicado. Curitiba: 2017.

VARGAS, Maryléa Elizabeth Ramos. **INFLUÊNCIAS DA MÚSICA NO COMPORTAMENTO HUMANO: EXPLICAÇÕES DA NEUROCIÊNCIA E PSICOLOGIA.** CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.944-956.

APÊNDICES

Questionário - Funcionários

O objetivo deste questionário é coletar informações sobre a perspectiva dos funcionários da escola em relação à influência da música no desenvolvimento do bebê. Suas informações serão muito importantes e nos ajudarão a adquirir um panorama mais amplo sobre a realidade desse tema.

Muito obrigada!

Nome:

Idade:

Função:

1 - Você gosta de música? Se sim, costuma escutar com que frequência?

2 - Você escuta música enquanto está no trabalho?

3 - Você considera a presença da música como um aspecto importante na escola? Justifique.

4 - Você percebe a presença da música na escola onde trabalha?

5 - Você utiliza-se de alguma música quando está com os bebês? Em quais momentos?

6 - Você acredita que a música possui pontos positivos na aprendizagem do bebê? Quais?

Questionário - Professores

O objetivo deste questionário é coletar informações sobre a perspectiva dos professores do Berçário I da escola em relação a influência da música no desenvolvimento do bebê. Suas informações serão muito importantes e nos ajudarão a adquirir um panorama mais amplo sobre a realidade desse tema. Muito obrigada!

Nome:

Idade:

1 - Você gosta de música? Se sim, costuma escutar com que frequência?

2 - Você considera a presença da música algo importante no berçário? Por quê?

3 - Como você utiliza da música para interagir com os bebês? Comente em quais momentos você desenvolve gestos ou danças trabalhando com a música.

4 - Você acredita que a música possui pontos positivos na aprendizagem do bebê? Por quê?

Questionário - Pais ou responsáveis

Este questionário será útil para coleta de dados sobre a influência da música no dia a dia do bebê para um trabalho acadêmico. Suas informações serão muito importantes e nos ajudarão a visualizar um panorama mais amplo sobre a realidade desse tema.

Muito obrigada!

1- Vocês gostam de ouvir música? Com que frequência se ouve música em sua casa?

2 - Quais estilos de música vocês mais escutam?

3 - Vocês escutam músicas infantis por conta do bebê? Quais?

4 - Como interagem com ele quando escutam músicas? Tanto infantis quanto outras.

5 - Quais as reações do bebê ao interagirem com ele por meio da música?

6 - Você acha que a interação do bebê com a música é importante? Por quê?

7 - Você considera importante a presença da música no berçário? Por quê?

8 - No período da gravidez, houve algum tipo de interação com a música?

9 - Seu filho possui algum tipo de brinquedo sonoro? Quais?

10 - Você ou alguém da família pratica algum tipo de instrumento musical? Qual?